



EDITORIAL

Modos indisciplinados de dizer, ser, significar e sentir

Este volume da *Revista Indisciplina em Linguística Aplicada* dá continuidade ao projeto editorial que orienta a RILA desde sua criação: afirmar a Linguística Aplicada como um campo atento às dimensões sociais, históricas e políticas da linguagem, aberto ao diálogo interdisciplinar e comprometido com a reflexão crítica sobre os modos como discursos produzem sentidos, subjetividades e formas de organização social. Além disso, o número reafirma o compromisso da RILA com uma perspectiva Indisciplinar de Linguística Aplicada e sua crítica às naturalizações da linguagem, do conhecimento e do poder. Os nove trabalhos aqui reunidos propõem análises cuidadosas, situadas e eticamente atentas às questões do nosso tempo, segundo o entendimento de que a linguagem não é um sistema transparente, mas uma prática social atravessada por relações de poder, afetos e disputas de sentidos.

Um dos fios condutores do volume é a atenção aos modos pelos quais signos, registros, vocabulários e enquadramentos são mobilizados na construção de consensos, controvérsias públicas e percepções. Ao examinar esses processos em contextos diversos como a política, a educação, o direito, o trabalho, a sala de aula de línguas, a produção de conhecimento e a tradução, os artigos mostram como discursos podem tanto contribuir para processos de exclusão e silenciamento quanto abrir possibilidades de transformação. Os trabalhos afirmam, assim, uma compreensão crítica de fenômenos sociais complexos, sem perder de vista a materialidade da linguagem, seus modos de ação e seus efeitos concretos.

O artigo de **Carlos Henrique Bem Gonçalves**, *A subversão na linguagem: o registro discursivo como tecnologia de comunicação da extrema direita no Brasil*, ilustra o intrincamento entre práticas languageiras e produção da vida social. Ao rastrear a trajetória textual do signo “kit gay”, o autor mostra como a extrema direita brasileira opera por meio da enxertia discursiva. Ao circularem, determinados registros dos direitos humanos e da ciência são apropriados e ressignificados, ensejando efeitos políticos como a criação de pânicos morais e legitimação de projetos autoritários. A análise explícita ainda como a linguagem

se torna tecnologia central de comunicação política, desarticulando conquistas sociais e convertendo lutas históricas em álibis individuais.

Em *Vozes silenciadas: a Plataforma Mais Inglês e a invisibilização de sujeitos na educação pública de MT*, **José Isavam Oliveira Silva e Danie Marcelo de Jesus** deslocam o olhar para o campo das políticas educacionais. A partir da análise crítica de discursos midiáticos sobre a educação no estado de Mato Grosso, os autores examinam como narrativas de inovação e modernização produzem apagamentos simbólicos, silenciando professores, professoras e estudantes da escola pública. O artigo detecta a substituição de saberes locais por modelos legitimados externamente, indicando como discursos aparentemente técnicos operam na reprodução de desigualdades e assimetrias de poder.

Outros dois textos também se voltam para disputas discursivas em torno da educação. Em *“Doutrinação” em “ideologia de gênero” nas escolas: uma cruzada ultraconservadora*, **Raquel Rodrigues** rastreia trajetórias textuais associadas ao Movimento Escola Sem Partido, analisando seus efeitos sobre o trabalho docente e o cotidiano escolar, explicitando o embate entre projetos antagônicos de educação. Dessa forma, o artigo contribui para a compreensão das tensões que atravessam o campo educacional contemporâneo, destacando um projeto neoliberal e ultraconservador em andamento. Já **Glenda Cristina Valim de Melo**, em *The place of race in the English language classroom*, confronta diretamente a ficção da neutralidade racial no ensino de línguas, propondo a compreensão da sala de aula de inglês como espaço em que questões raciais, de gênero e de sexualidade estão presentes e podem ser criticamente abordadas. Fundamentado na teoria dos atos de fala performativos e na ideia de que ensinar línguas é sempre fazer política com palavras, o artigo destaca o potencial das práticas pedagógicas no questionamento de hierarquias e na promoção de práticas reflexivas.

O debate sobre direitos e justiça social é ampliado com o artigo de **María Laura Pardo**, *El derecho a la alimentación, un derecho humano universal: discurso, justicia y comedores*. A partir da análise crítica de uma decisão judicial argentina sobre a distribuição de alimentos a comedores populares, a autora examina como a hierarquização da informação e os nexos de valor operam no discurso jurídico, produzindo formas desiguais de legitimação das ações estatais e dos grupos sociais envolvidos.

Um tipo de reflexão filosófico-epistemológica ocupa lugar central em três textos do volume. Em *A redução sociolinguística*, **Gabriel Nascimento** dialoga com a noção de redução sociológica proposta por Alberto Guerreiro Ramos. O autor problematiza o reducionismo sociolinguístico e a eurocentração histórica da linguística, propondo a redução sociolinguística como alternativa ontológica. Ademais, o texto convida à revisão crítica de pressupostos históricos da área, sugerindo que ela enfrente seus privilégios epistêmicos e repense os fundamentos do que ela toma como objeto, método e conhecimento legítimo.

Bruno Coutinho de Souza Oliveira, por sua vez, articula linguagem, afetos e economia política na entrevista com o filósofo e psicanalista **Érico Andrade Fracasso**, *afetos e capitalismo*. Nessa conversa, eles problematizam o ideal liberal do indivíduo autônomo e racional, mostrando como o capitalismo transforma o fracasso estrutural em culpa individual. Ao identificarem o papel dos afetos na manutenção da exploração e da opressão, os interactantes fazem uma reflexão sobre subjetividade, trabalho e sofrimento social no capitalismo contemporâneo.

Reforçando esse posicionamento crítico, o diálogo entre **Ana Karina Moreira Godoy** e **Branca Falabella Fabrício** em *O movimento negro educador: um contra-arquétipo da branquitude* propõe uma leitura do Movimento Negro Educador a partir dos estudos decoloniais, da psicologia jungiana e das pedagogias afrocentradas. O texto compreende o movimento como sujeito político e epistêmico que confronta a posição de poder da branquitude produzindo conhecimentos coletivos centrais para processos de reeducação social, reparação histórica e ampliação dos horizontes democráticos. Complementando essa visada questionadora, **Vitor Alevato do Amaral**, em *Por caminhos vacilantes: tradução literária e Linguística Aplicada*, interroga o lugar da tradução na LA, especialmente a poética. Ao defender a tradução literária como prática interdisciplinar e espaço privilegiado para pensar questões linguísticas, culturais, éticas e políticas, o autor recusa hierarquias entre práticas tradutórias e fortalece a vocação interdisciplinar e indisciplinar da Linguística Aplicada.

Em conjunto, os textos deste volume configuram não apenas atividades teóricas, mas ações ético-politicamente implicadas tanto nas urgências do presente quanto nas possibilidades de resistência. Eles convidam, assim, a uma leitura engajada e aberta a outros modos de dizer-fazer-ser na política, no ensino, e na pesquisa.

Editoras responsáveis

Branca Falabella Fabrício

Glenda Cristina Valim de Melo